



Primaveras e jovens tardes: a memória saudosa da mocidade/juventude na música popular brasileira

Springs and young afternoons: the longing memory of youth in Brazilian songs

Adriano Roberto Afonso do Nascimento

Aline Cristina Rosa

Mariana Lacerda Pio Barra

Universidade Federal de Minas Gerais

Brasil

Resumo

Procurou-se com essa investigação identificar, em sua correlação, os elementos saudosamente recordados relativos ao período da juventude/mocidade presentes em letras de canções brasileiras compostas e/ou gravadas a partir de 1927. Um conjunto de 106 letras foi submetido à Análise Lexical e a um procedimento clássico de Análise de Conteúdo. Os resultados obtidos apontaram para um compartilhamento de conteúdos recordados veiculados nas letras analisadas. Tal compartilhamento pode ser identificado sob dois eixos: a) o primeiro deles seria o que poderíamos chamar de intrageracional (a especificidade de alguns elementos recordados vincula-se diretamente à época na qual foi vivida a mocidade/juventude dos compositores); b) o segundo eixo seria intergeracional ou, poderíamos dizer, transgeracional e relaciona-se aos elementos que atravessam com considerável significância todo o período analisado. Esses últimos elementos possivelmente constituem a base comum que possibilita a coexistência de mais de um discurso sobre a(s) mocidade(s) ou juventude(s) recordada(s) num dado período histórico.

Palavras-chave: juventude; memória social; saudade; música popular

Abstract

It was attempted with this investigation to identify, in their correlation, the elements nostalgically remembered relative to the period of youth present in lyrics of Brazilian songs composed and/or recorded since 1927. A set of 106 lyrics was subjected to Lexical Analysis and to a classical Content Analysis procedure. The obtained results indicate that people share the remembered contents transmitted by the analyzed lyrics. This was identified on two axes: a) the first of these axes would be what could be called intragenerational (the specificity of some remembered elements is directly linked to the time when youth was experienced by the songwriters); b) the second axis would be intergenerational or, it could be called, transgenerational and is related to elements that span with considerable significance the whole analyzed period. These later elements possibly constitute the common basis which allows the coexistence of more than one discourse about the youth (Youths) remembered at a given historical period.

Keywords: youth; social memory; longing; popular music

Introdução (1)

É a felicidade o entrave da memória?

(Sim, Nélida Piñon, O pão de cada dia)

A saudade que dói mais fundo - e irremediavelmente -
é a saudade que temos de nós.

(Da Saudade, Mário Quintana, Poesia Completa)

Considerar a juventude como uma produção sócio-cultural, mais do que como um fenômeno relacionado ao ciclo biológico do desenvolvimento humano, é se arriscar no tratamento de, como afirma Sanchis (1997), uma "categoria escorregadia". Idealizada no Século XVII, a juventude só alcança status de objeto alvo de interesse social mais geral a



partir do início do Século XX (Ariès, 1973/1981). Sua caracterização ao longo desse Século contemplou atributos muito diversificados como vitalidade, marginalidade, inconstância, comportamento radical, pensamento revolucionário, posicionamento alienado, libertinagem, liberdade. Essa multiplicidade de percepções, em seus diferentes contextos geopolíticos, reflete as variáveis configurações da relação entre sociedade e juventude ao longo desse Século.

Se no período entre guerras foi considerada, por regimes autoritários e democráticos, como "agente revitalizante" da sociedade (Mannheim, 1943/1968), a juventude, nos anos 50, seria caracterizada pela transgressão "sem causa" e pela delinquência. Na Década posterior (1960), os jovens começam a ser reconhecidos como ameaça mais geral à ordem social estabelecida. Em uma posterior re-significação dessa juventude, ganham relevo seus atributos, agora positivamente valorizados, de sonhadora, engajada e transformadora do *status quo*. Contra o que passa a ser esse ideal de juventude é que se vão confrontar os jovens das Décadas de 80 e 90, considerados nessa comparação como individualistas, consumistas e alienados (Abramo, 1997; Pais, 1990).

Perceba-se que tratamos aqui de representações da juventude. A completa adequação dessas representações ao cotidiano vivido pelos jovens nesses variados períodos pode e deve ser questionada. Entretanto, é inegável que elementos mais gerais dessas representações associados às diversas gerações coexistentes numa sociedade constituem um acervo comum de imagens e discursos sobre "a juventude" entendida como uma fase da vida social. Nesse sentido, justifica-se a recorrência do tratamento relacional dado ao tema. Entende-se nessa perspectiva "a juventude" como categoria formada na inter-relação com as categorias "infância", "idade madura" e "velhice". Entretanto, tal perspectiva não implica assumir qualquer dessas categorias como internamente estável. Reconhece-se a existência cotidiana de "infâncias", de "idades maduras" e de "velhices" como diretamente relacionadas aos diferentes estratos sociais constitutivos de uma dada sociedade (Domingues, 2004).

Na produção das Ciências Humanas, mais insistentemente a juventude tem sido contraposta às duas últimas categorias, ainda que essas duas muitas vezes apareçam como indiferenciadas. Assim, à procura de pontos de divergência e de manutenção, comparam-se os jovens às gerações mais velhas, considerando-se essas gerações em suas referências presentes e na vivência de suas próprias juventudes. Alguns autores (Mannheim, 1952/1982; Peralva, 1997) têm considerado que, em situações sociais de mudanças aceleradas, há um acréscimo de tensão nessas relações intergeracionais, proporcionando uma mais marcada percepção de suas diferenças.

Entretanto, Jaide (1963/1968) já havia apontado a tendência da produção acadêmica de dar maior importância às mudanças do que às permanências nas discussões sobre o tema gerações. Segundo sua percepção, "talvez se evidencie que os contrastes *numa mesma* geração são muito *maiores* que as diferenças *entre* diversas gerações" (p. 22, *itálicos no original*).

Considerando-se a referência às idades biológicas como apenas mais um elemento na composição dos quadros de representação das fases da vida (Almeida & Cunha, 2003), interessa-nos insistir na importância do entendimento da dinâmica das imagens e dos discursos disponíveis para os vários grupos sociais a respeito dessas fases. Na mesma direção proposta por Pais (1990), podemos admitir a existência de diversas representações de juventude coexistindo numa mesma sociedade. Tal multiplicidade pode ser considerada, como vimos acima, característica das sociedades ocidentais no Século XX e nesse início do Século XXI e remete à caracterização de cultura entendida como um conjunto de significados compartilhados; um conjunto de símbolos específicos que simbolizam a pertença a um determinado grupo; uma linguagem com seus específicos usos, particulares rituais e eventos, através dos quais a vida cotidiana adquire sentido. Esses "significados compartilhados" fazem parte de um conhecimento comum, ordinário, cotidiano (Pais, 1990, p. 164).

Aqui se deve considerar novamente que o compartilhamento de um determinado significado não necessariamente pressupõe a percepção da "juventude" como uma categoria unívoca. Entretanto, ainda que devamos admitir, a partir das relações desiguais



que se estabelecem entre diferentes grupos em uma mesma sociedade, a inadequação de uma definição muito estrita de "juventude", ou mesmo da utilização desse termo no singular (Bourdieu, 1980/1983), é possível se falar de significados compartilhados dessa fase da vida em um mesmo ou em diferentes períodos históricos, e para um mesmo ou diferentes grupos sociais. Se é certo que muitas vezes, e esse é o caso de "juventude", um único termo admite diferentes significados em diferentes épocas (Levi & Schmitt, 1996), ele também comporta sentidos que se mantêm em diferentes períodos históricos e em diferentes sociedades. Assim, por exemplo, associações entre Juventude e Primavera, Juventude e Amor, Juventude e Anos Dourados permanecem, certamente não intactos, nas caracterizações mais gerais desse período, sobremaneira quando não se referem a grupos juvenis específicos.

No nosso entendimento, esse conteúdo minimamente compartilhado dos diversos significados da juventude representa a base a partir da qual pode ser analisada a própria coexistência de diferentes e, às vezes, antagônicas representações de juventude numa mesma sociedade.

Tal diversidade parece-nos também estar vinculada à experiência da própria juventude e o que dela se recordam, a partir de diferentes inserções sociais, diferentes memorialistas numa mesma sociedade. Nesse sentido, confrontam-se e se complementam elementos de memória e representação de uma determinada fase da vida. A percepção de um maior grau de compartilhamento desses mesmos elementos certamente estará relacionada à vivência dessa fase em um mesmo contexto histórico-cultural. Isso nos aproxima do conceito de "memórias comuns", que abarca, por sua vez, a categoria de "memórias geracionais".

Segundo Sá (2005, p. 74),

as memórias comuns podem ser vistas (...) como uma coleção de numerosas memórias pessoais acerca de um mesmo objeto, que se desenvolveram independentemente umas das outras, por força de uma participação comum em um dado período histórico, em uma dada configuração cultural ou em um dado estrato social. Por terem sido expostas aos mesmos fatos, às mesmas informações, aos mesmos gostos, etc, as pessoas guardariam deles aproximadamente as mesmas lembranças.

Mais do que propriamente a identificação de um conteúdo compartilhado, as memórias comuns podem apresentar certa especificidade na organização desses mesmos conteúdos. De forma mais geral, também as "memórias comuns" obedecem a dinâmicas mais gerais de organização das memórias sociais e coletivas, como: a) um princípio de coerência que proporciona uma "harmonização" às diferentes versões e avaliações de uma determinada recordação (Pollak, 1989; Lowenthal, 1998); b) estarem baseadas em práticas comunicativas cotidianas que permitem a manutenção de conteúdos recordados e, ao mesmo tempo, sua atualização a partir do presente dos memorialistas (Fentress & Wickham, 1992; Halbwachs, 1950/1990); c) a relação estreita entre a identificação/avaliação de conteúdos recordados e as identificações sociais daqueles que recordam (Pollak, 1992; Jedlowski, 2001); d) a particularização dos conteúdos recordados a partir dos sentimentos associados a esses conteúdos (Rosa, 2005; Rimé & Christophe, 1998). Quanto ao último tópico, interessa-nos especificamente, para esse trabalho, a associação entre memória e saudade.

Tema recorrente no discurso luso-brasileiro, o sentimento saudoso permeia relatos autobiográficos no nosso cotidiano e nas nossas produções culturais.

Questionando a argumentação mais corrente de que esse sentimento se relaciona a uma perspectiva escapista ou cristalizadora das lembranças, Nascimento e Menandro (2005a) afirmam que

mais do que uma fuga para um passado idealizado, ele permite ao sujeito saudoso, via comparação entre passado e presente, e conseqüentemente na forma



como essa comparação abre perspectivas para um possível futuro, avaliar qualitativamente a sua própria história (p. 15).

Nessa perspectiva, que admite que tanto o sentimento saudoso quanto os objetos aos quais ele se vincula são negociados socialmente no cotidiano dos memorialistas, poderíamos passar a considerar a saudade também como categoria social, como propõe DaMatta (1993). Assim, segundo esse autor,

não são as experiências individuais e fragmentadas do amor, da viagem e da ausência que constituiriam a saudade, mas, em vez disso, é a existência social da saudade como foco ideológico e cultural, a permitir um revestimento especial de nossas experiências, que faz com que a sintamos. É a categoria que conduz a uma consciência aguda do sentimento, não o seu contrário (p. 21).

Para uma proposta que almeje investigar a articulação entre saudade e memória de um determinado objeto social, no nosso caso a mocidade/juventude, possibilitando uma análise comparativa que leve em conta diferentes períodos históricos e diversos grupos sócio-culturais (a partir da manutenção e da inovação de conteúdo saudosamente recordados), parece-nos haver poucas fontes tão adequadas quanto a canção popular. Segundo Napolitano (2002, p. 77),

entre nós, brasileiros, a canção ocupa um lugar muito especial na produção cultural. Em seus diversos matizes, ela tem sido termômetro, caleidoscópio e espelho não só das mudanças sociais, mas, sobretudo, das nossas sociabilidades e sensibilidades coletivas mais profundas.

Apesar disso, somente a partir do final da Década de 70 a história, a sociologia, a crítica literária, a antropologia e a semiótica brasileiras passaram a se interessar mais sistematicamente pelo estudo da música popular (Moraes, 2000). Passou-se, principalmente, a reconhecer, nessa música,

Um acervo importante para se conhecer melhor ou revelar zonas obscuras das histórias do cotidiano dos segmentos subalternos. Ou seja, a canção e a música popular poderiam ser encaradas como uma rica fonte para compreender certas realidades da cultura popular e desvendar a história de setores da sociedade pouco lembrados pela historiografia (Moraes, 2000, p. 204).

A partir de então, a música popular, particularmente as suas letras, tem se apresentado como fonte para o estudo de elementos históricos, culturais e políticos por ela refletidos (Menandro, Pereira, Amim, & Santos, 2003; Matos, 2000; Oliven, 1987; Matos, 1982; Augras, 1998; Pedro, 1980; Caldas, 1995; Pederiva, 2000).

Quanto à relação entre música e saudade, Lourenço (1999, p. 13) já havia afirmado que "antes de ser pensada, a saudade foi cantada e é filha e prisioneira do lirismo que primeiro lhe deu voz".

Método

Foram analisadas 106 letras de músicas compostas e/ ou gravadas a partir de 1927 (2), que ficaram assim distribuídas: a) 1927-1934 (11 letras); b) 1935-1944 (10); c) 1945-1954 (12); 1955-1964 (14); 1965-1984 (17); 1975-1984 (17); 1985-1994 (10); 1995-2006 (15). A coleta, que não discriminou estilos musicais, foi realizada em livros, revistas, discos e CDs de acervos particulares volumosos e representativos, pelo fato de abrangerem todo o século XX a partir dos anos 1920, e nos acervos da Rádio Espírito Santo AM, em Vitória/ES, e da Rádio Inconfidência FM, em Belo Horizonte/MG.

Como critérios para a inclusão de uma letra no banco de dados, utilizamos:



- 1) Presença da palavra "saudade" especificamente relacionada ao período da mocidade e/ou da juventude.
- 2) Presença de elementos que comuniquem um estado ou sentimento explicitamente saudoso relacionado ao período investigado, ainda que não esteja presente a palavra "saudade". Assim, expressões do tipo "tempos de república", "velhos tempos", "belos dias" e "tempo feliz" foram consideradas como válidas para a inclusão de letras no banco de dados.

Dois procedimentos foram utilizados para o tratamento do banco de dados: 1) Análise Lexical, realizada com o auxílio do software ALCESTE (*Analyse Lexicale par Context d'un Ensemble de Segments de Texte*) (3) e; 2) Análise de Conteúdo (4).

Resultados

ALCESTE

Classificação Hierárquica Descendente

A análise lexical realizada com o auxílio do software ALCESTE gerou, a partir das 365 u.c.e. analisadas, 04 classes de formas reduzidas (Classificação Hierárquica Descendente, Figura 01).

A Classe 01 (22% das u.c.e.), denominada "Chorar pela mocidade perdida", identifica o agrupamento das formas pass+ ($Q^2= 31.87$) (5), viv+ ($Q^2= 29.90$), perdi ($Q^2= 21.55$), chor+ ($Q^2= 21.16$),ilus+ ($Q^2= 20.43$) e aponta como variável característica o período 1945-1954.

A essa primeira classe associa-se a Classe 03 ("Mocidade em Flor"; 12% das u.c.e.), composta pelas formas reduzidas Flor+ ($Q^2= 60.92$), jardim ($Q^2= 29.01$), sonhos ($Q^2= 25.70$), primavera+ ($Q^2= 25.70$), beij+ ($Q^2= 23.41$) e adeus ($Q^2= 23.41$) e com variável característica o período 1935-1944.

A Classe 04 ("Lembrando os velhos tempos"; 18% das u.c.e.), que, por sua vez, se relaciona ao conjunto formado pelas Classes 01 e 03, é formada por braz ($Q^2= 28.12$), tempo+ ($Q^2= 18.73$), brasil ($Q^2= 18.56$), velhos ($Q^2= 18.56$), lembr+ ($Q^2= 16.95$), tenho ($Q^2= 15.28$) e boemi+ ($Q^2= 13.85$) e possui o período 1975-1984 como variável característica.

"Juventude em festa – O mundo em movimento" (Classe 02; 47% das u.c.e.) nomeia o conjunto de formas reduzidas cheg+ ($Q^2= 17.36$), danc+ ($Q^2= 16.64$), bail+ ($Q^2= 12.88$), estrad+ ($Q^2= 09.23$), cas+ ($Q^2= 09.23$), bonit+ ($Q^2= 09.23$) e boi+ ($Q^2= 09.23$) e apresenta como variável característica o período 1995-2006.

Análise Fatorial de Correspondência

A projeção das formas reduzidas no plano cartesiano (Figura 02) permite a leitura dos resultados do ALCESTE segundo as relações de oposição e/ou complementaridade dessas mesmas formas.

Um possível primeiro eixo de leitura refere-se à diferenciação entre o vocabulário do agrupamento das Classes 01, 03 e 04 e o da Classe 02. Contemplando aspectos diversificados da conjunção entre sociabilidade e contextos recordados, tal como sugere a CHD, pode-se propor uma diferenciação entre o que chamamos "tempo da mocidade" (Classes 01, 03 e 04) e "tempo da juventude" (Classe 02).

Observa-se que, além desse primeiro eixo, podemos ter um segundo a partir da diferenciação entre "ontem/atividade, contexto/prazer de recordar" e "hoje/emoção/lembrar sofrendo". Tal diferenciação, que também leva em conta a disposição das formas reduzidas no plano, possibilita, a partir do eixo x, as associações: a) o discurso sobre o "tempo da juventude" tem como característica mais significativa uma descrição (contexto e atividades) do passado sustentada pelo próprio prazer de recordar; b) o discurso sobre o "tempo da mocidade" está, por sua vez, bastante associado a uma situação na qual a lembrança se dá a partir do sofrimento no presente do memorialista.



Uma terceira possibilidade de leitura está apresentada no triângulo "sentimento", "boemia" e "bailes". Essa possibilidade complementa as duas leituras propostas acima. Nesse caso, a base da interpretação está na diferenciação entre sentimento e contexto, considerando-se as especificidades desse contexto.

Análise de Conteúdo

Para a apresentação dos resultados da Análise de Conteúdo, optamos pela divisão das categorias em 03 grandes blocos:

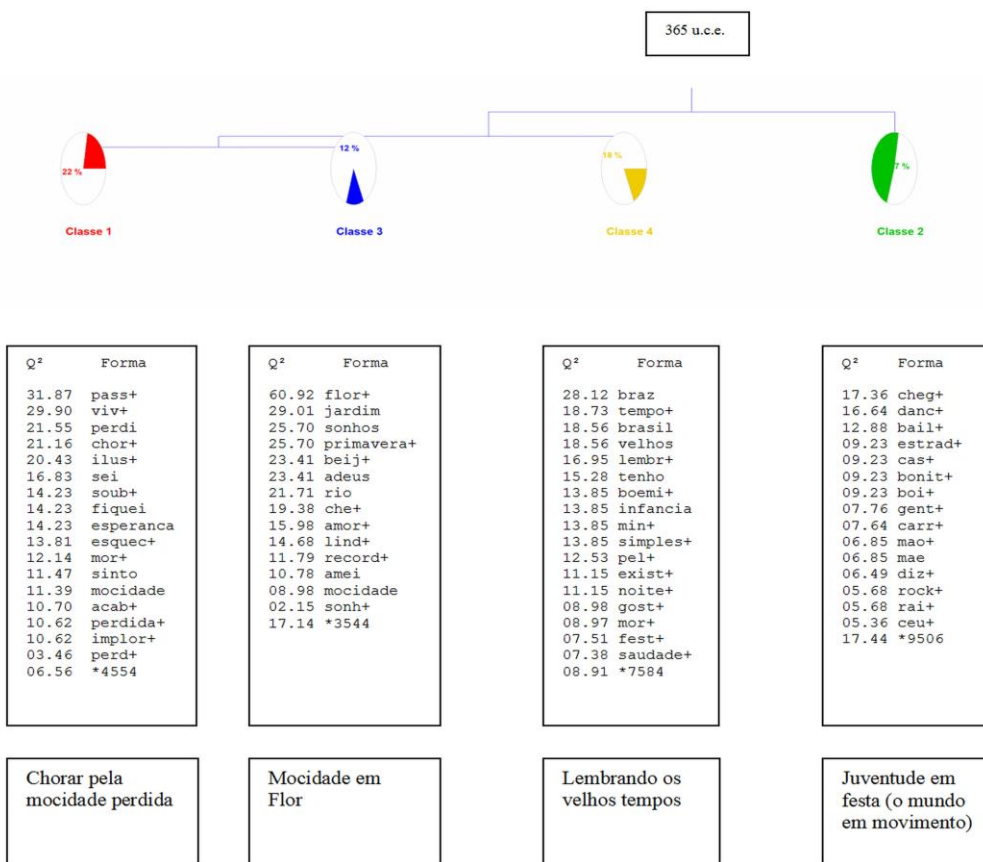


FIGURA 01: Formas reduzidas distribuídas por Classe (CHD)

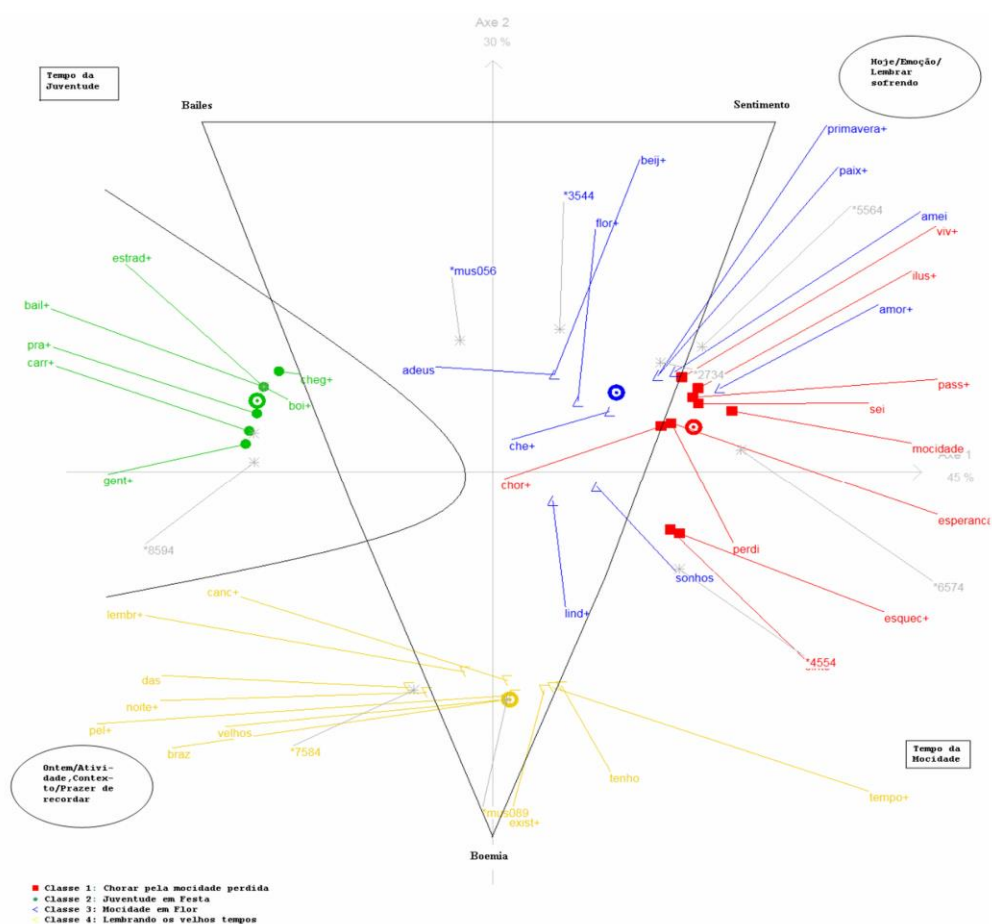


FIGURA 02: Análise Fatorial de Correspondência (Classes, formas reduzidas e eixos).

a) categorias que se referem ao passado dos memorialistas: Elementos musicais (Instrumentos musicais, Tocar/cantar/compor, Ritmos/estilos, Músicas), Atividades (Danças, Profissionais Rurais, Beber, Ir a festas populares), Baile/carnaval/festas (Baile rural, Baile urbano, Carnaval), Boemia/gandaia (Boemia/gandaia, Seresta/serenata), Sociabilidade (Amigos, Família, Companheiros de trabalho), Elementos Amorosos (Moça/mulher, Amor, Paixão, Carícias, Namorados, Sexo), Costumes do passado (Cabelos, Vestuário, Acessórios), Lugares recordados (Sertão/ranchinho/fazenda, Cidade, Lugares de sociabilidade urbana, Casa), Elementos naturais (Boi/cavalo/burro, Sol/lua/estrela, Árvore), Objetos recordados ("Coisas" da cidade, Instrumentos/utensílios, Carros de boi), Características pessoais anteriores (Vitalidade, Imaturo/inconstante, Fama, Elegância/vaidade), O que eu tinha no passado (Alegria/felicidade, Sonhos, Ilusões), Características gerais do passado (Emoções, Belo/ bonito, Passado feliz), Aproveitar a mocidade.

b) categorias que se referem ao presente dos memorialistas: O que restou (Saudade, Lembrança/recordações, Rugas), Auto-percepção/avaliação (Abandonado/solitário, Velho, Acabado/derrotado), Aparência/ Condição física atual (Cabelos brancos, Fraqueza, Rugas), Morte/ eternidade/ fim da vida (Própria morte, Morte genérica), Sofrimento (Chorar, Sofrer, Tristeza, Desilusão/desengano, Dor, Frio/sombra), Objetos que fazem recordar (Músicas, Elementos naturais), Voltar à mocidade, Mocidade distante, Mocidade perdida, Não volta mais, Não posso esquecer.



Tabela I. Análise de Conteúdo (quadro geral por número de citações)

Sub-categorias	Períodos								Total	%
	25 34	35 44	45 54	55 64	65 74	75 84	85 94	95 06		
Sufrimento	15	19	28	15	29	16	07	11	140	12,80
Elementos amorosos	11	14	12	15	26	22	14	13	127	11,61
Elementos musicais	07	05	08	05	11	22	06	14	78	7,13
O que eu tinha no passado	12	10	04	08	12	10	02	06	64	5,85
Elementos naturais	02	02	01	11	11	06	08	10	51	4,66
Auto-percepção// Avaliação	05	05	11	05	10	07	05	01	49	4,48
Características pessoais anteriores	03	06	06	04	08	10	06	06	49	4,48
Lugares recordados	02	03	06	06	09	11	04	07	48	4,39
Atividades	01	03	01	09	10	12	04	07	47	4,30
Características gerais do passado	05	05	02	05	04	07	05	10	43	3,93
Objetos recordados	02	03	01	06	06	08	06	10	42	3,84
Coração	05	04	05	07	06	03	03	05	38	3,47
Passagem do tempo/ a vida	01	03	02	05	06	04	07	07	35	3,20
Homem-natureza	07	05	02	02	04	05	07	01	33	3,02
Aparência/ condição física atual	02	03	06	01	06	06	06	01	31	2,83
Não volta mais	05	02	02	03	05	07	04	01	29	2,65
O que restou	07	04	04	03	07	02	-	02	29	2,65
Sociabilidade	02	02	01	01	07	06	02	06	27	2,47
Baile/Carnaval/Festa	01	-	01	01	06	06	01	03	19	1,74
Voltar à mocidade	01	01	01	02	02	03	02	05	17	1,55
Objetos que fazem recordar	-	02	03	02	01	04	01	03	16	1,46
Boemia/gandaia	03	-	05	-	03	02	02	01	16	1,46
Mocidade distante	03	03	02	01	03	01	-	-	13	1,19
Costumes do passado	-	01	-	-	01	05	-	05	12	1,10
Morte/ eternidade/ fim da vida	02	-	03	01	03	01	-	02	12	1,10
Não posso esquecer	02	-	01	01	02	-	-	03	09	0,82
Aproveitar a mocidade	02	01	01	03	-	01	-	-	08	0,73
Envelhecer como as coisas	-	01	01	-	02	02	-	02	08	0,73
Mocidade perdida	-	-	01	01	01	-	-	01	04	0,36
Total	108	107	121	123	201	189	102	143	1094	100,00



c) outras categorias: Passagem do Tempo/a vida (Tudo se acaba, Anos/velocidade, Viver/sofrer), Homem natureza (Mocidade primavera/tempo da flor/dia, Hoje inverno/espinho/outono/noite), Envelhecer como as coisas, Coração.

Com o objetivo de agruparmos as frequências totais de citações nas categorias apresentadas, construímos a Tabela I. Destacam-se nessa tabela as expressivas frequências de citações nas categorias "Sofrimento", "Elementos amorosos", "Elementos musicais" e "O que eu tinha no passado" (as quatro categorias reunidas representam 37,39% de todas as citações).

Deve-se lembrar que, na Análise de Conteúdo realizada, considerou-se o número de citações e não o número de letras para a formação das categorias. Entretanto, ainda que esse procedimento garanta o reconhecimento da diversidade de formas de se referir a um mesmo tema, ele não permite a identificação mais precisa, por exemplo, de quantas letras contribuíram para a formação de uma mesma categoria. Com esse objetivo, voltou-se ao banco de letras e, a partir das categorias resultantes da Análise de Conteúdo, construiu-se um banco secundário não mais com as próprias letras, mas com as categorias nas quais as citações de uma mesma música foram agrupadas.

Como a intenção era obter as frequências de categorização pelo número de músicas, eliminamos as categorias repetidas na letra de uma mesma canção. Observando os resultados da CHD, o período 75-84 pareceu-nos uma referência significativa quanto ao surgimento e desaparecimento de referências a elementos do discurso dos compositores. Assim, decidimos apresentar as frequências de músicas em cada categoria, considerando-se dois grandes períodos: 1927-1974 e 1975-2006 (Tabela II). Essa tabela, quando comparada à Tabela I, mostra duas diferenças importantes: a) apesar da categoria "Sofrimento" apresentar um maior número de citações (140) do que a categoria "Elementos amorosos" (127), o tema "Elementos amorosos" aparece em um maior número de músicas (73,58%) do que o tema "Sofrimento" (57,55%); b) apesar da categoria "Elementos musicais" possuir também um maior número de citações (78) do que a categoria "O que eu tinha no passado" (64), há um número maior de músicas com referências ao tema "o que eu tinha no passado" (49,57%) do que aos "Elementos musicais" recordados (44,34%).

A fim de identificarmos se as categorias mais recorrentes mostradas na Tabela II poderiam ser consideradas também como articuladoras do discurso sobre a saudade da mocidade, procedemos à construção da Árvore Máxima com as categorias da Análise de Conteúdo (6), utilizando o segundo banco ao qual nos referimos. Como podemos ver na Figura 03, as Categorias "Elementos amorosos" e "Sofrimento" possuem uma significativa frequência de co-ocorrência com outras categorias, além de aparecerem juntas em 45 das 106 músicas analisadas (42,45%).

Devido ao grande número de categorias representadas na Árvore Máxima, optamos pela apresentação do que, para o momento, poderíamos denominar Agrupamentos de Conteúdos. Tais agrupamentos, já indicados na própria Figura 03, vão ser aqui tratados separadamente.

Destaca-se no Agrupamento 01 (Elementos amorosos – características pessoais – aproveitar a mocidade) a frequência de co-ocorrência entre os "Elementos amorosos" e as "Características pessoais anteriores" do memorialista. Como exemplo desse agrupamento, temos:

CABELOS BRANCOS (Herivelto Martins, Marino Pinto, & 1948). Não falem dessa mulher perto de mim, não falem pra não lembrar minha dor. Já fui moço, já gozei a mocidade, se me lembro dela me dá saudade. Por ela vivo aos trancos e barrancos, respeitem ao menos meus cabelos brancos. Ninguém viveu a vida que eu vivi. Ninguém sofreu na vida o que eu sofri. As lágrimas sentidas, os meus sorrisos francos refletem-se hoje em dia nos meus cabelos brancos. Agora em homenagem ao meu fim, não falem dessa mulher perto de mim.



TABELA II. Análise de Conteúdo (quadro geral por número de músicas)

Categorias	1927-1974	1975-2006	Total	%
Elementos amorosos	50	28	78	73,58
Sofrimento	43	18	61	57,55
O que eu tinha no passado	35	17	52	49,57
Elementos musicais	23	24	47	44,34
Auto-percepção/avaliação	29	11	40	37,73
Características gerais do passado	19	21	40	37,73
Coração	28	11	39	36,79
Características pessoais anteriores	20	17	37	34,91
Lugares recordados	19	18	37	34,91
Atividades	19	18	37	34,91
Objetos recordados	15	20	35	33,02
Passagem do tempo/a vida	16	18	34	32,07
O que restou	22	05	27	25,47
Não volta mais	15	11	26	24,52
Elementos naturais	14	10	24	22,64
Homem-natureza	14	10	24	22,64
Aparência/condição física atual	13	10	23	21,70
Sociabilidade	10	12	22	20,75
Baile, carnaval, festa	10	10	20	18,86
Voltar à mocidade	07	10	17	16,04
Objetos que fazem recordar	08	05	13	12,26
Boemia, gandaia	09	04	13	12,26
Mocidade distante	11	01	12	11,32
Morte/eternidade/fim da vida	09	03	12	11,32
Não posso esquecer	06	03	09	08,49
Aproveitar a mocidade	07	01	08	07,55
Costumes do passado	02	06	08	07,55
Envelhecer como as coisas	03	02	05	04,72
Mocidade Perdida	03	01	04	03,77

O segundo Agrupamento de Conteúdos (Elementos amorosos – Lugares recordados – Sociabilidade) permite a seguinte leitura: em algumas canções, a rede de sociabilidade mais extensa (relações amorosas e sociabilidade) é recordada em uma associação direta com o ambiente onde ela se dava. Como exemplo:

BLUE RIVIERA (Sá, Zé Rodrix, & Guarabira, 1973)

A gente já era uma barra no tempo do rock no Blue Riviera, a gente já era, nos tempos do Blue Riviera. Você com seu rabinho de cavalo, me contando que a sua mãe não lhe deixava sair na garupa da lambreta, pra dançar no Blue Riviera. A gente sacudia os ossos no tempo do rock do Blue Riviera, a gente sacudia, no tempo do Blue Riviera. Com toda essa moçada da pesada, que hoje está com trinta anos ou mais, e já não deixa cair como no tempo da lambreta sem saia do Blue Riviera. Blue Riviera nos meus olhos e ouvidos. Da sala enfumaçada, pra onde foram meus amigos queridos? Blue Riviera, o pão, a carne, o sangue, o vinho, no meio das lembranças do passado eu não estou sozinho.

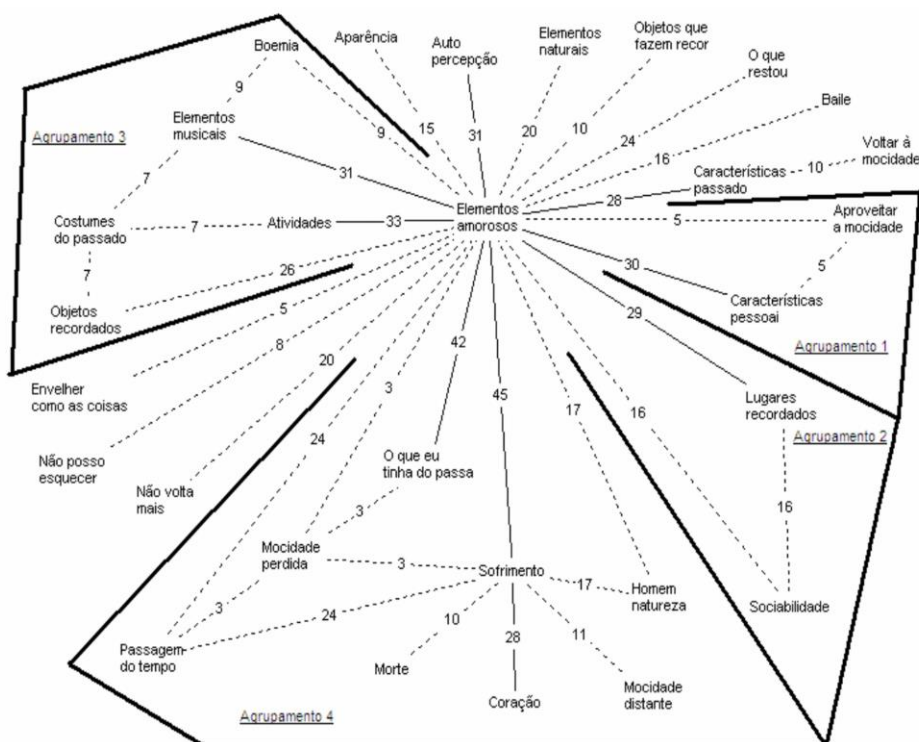


Figura 03: Árvore Máxima (Categorias da Análise de Conteúdo – Banco completo – Número de letras).

Como podemos ver na Figura 03, o Agrupamento 3 (Elementos Amorosos – Boemia – Elementos musicais; Elementos amorosos - Elementos musicais - Costumes do passado – Atividades; Elementos Amorosos – Atividades – Costumes do Passado – Objetos recordados) é mais complexo, com um maior número de categorias inter-relacionadas do que o agrupamento anterior. Separando-se as categorias diretamente relacionadas, temos:

a) uma forte associação entre elementos amorosos e elementos musicais, ou seja, a música aparece aqui como uma “trilha sonora” dos romances, como as serenatas feitas para a namorada ou como característica de uma boemia onde estavam presentes violões e grandes amores.

b) a forte relação já citada entre elementos amorosos e elementos musicais também pode estar relacionada a atividades como ir a festas e dançar. Essas situações, por sua vez, exigiam eventualmente vestuário e penteados específicos (costumes do passado).

Exemplo:

A RAPOSA E AS UVAS (Reginaldo Rossi, 1982).

Lembro com muita saudade daquele bailinho, quando a gente dançava bem agarradinho, onde a gente ia mesmo é pra se abraçar. Você com laquê no cabelo e um vestido rodado e aquelas anáguas com tantos babados, e você se sentava só pra me mostrar. E tudo o que a gente transava eram três, quatro cubas. Eu



era a raposa e você as uvas, eu sempre querendo teu beijo roubar, e, por mais que você se esquivasse, eu tinha certeza que no fim do baile, na minha lambreta, aquele broto ia me abraçar. Quando a orquestra tocava "Besame mucho", eu lhe apertava e olhava o seu busto dentro do corpete, querendo pular. Eu todo cheiroso à lancaster e você à chanel, eu era menino, mas fazia o papel do homem terrível, só pra lhe agradar. Contento pra casa eu ia te levar e ao chegar em tua casa, em frente ao portão, um beijo, um abraço, minha mão, tua mão, com medo que o velho pudesse acordar. A pílula já existia, mas nem se falava, pois dos muitos conselhos que tua mãe te dava, tinha um que dizia: "só pode depois que casar".

c) Na mesma direção da leitura do tópico b, acrescentam-se os objetos recordados (como a lambreta na letra acima).

A complexidade do Agrupamento de Conteúdos 4 (Elementos amorosos – Homem natureza – Sofrimento; Sofrimento – Mocidade Perdida – Passagem do tempo; Elementos amorosos – O que eu tinha no passado – Sofrimento – Mocidade perdida; Elementos amorosos – Passagem do tempo – Mocidade perdida) também sugere seu tratamento a partir de categorias diretamente relacionadas.

a) Constata-se uma forte co-ocorrência entre os elementos amorosos e o sofrimento (45 letras). Essa co-ocorrência, a partir da comparação entre um passado feliz e um presente sofrido, encontra-se de acordo com a oposição entre ontem/primavera e hoje/outono/inverno (Homem natureza). Exemplo:

CANÇÃO DA PRIMAVERA (Ari Kerner V. de Castro, 1930).

Na estação da primavera tudo é flor e tudo é luz. Mas depressa essa quimera vai passando com o calor. Na estação da mocidade tudo é sonho, vida e amor. A esperança nos embala com seu canto enganador. O inverno da velhice só nos lembra a eternidade. Mas, que importa se ainda nos resta o consolo da saudade?

b) O segundo conjunto de categorias relacionadas associa o sofrimento no presente do memorialista à constatação de que a mocidade está definitivamente perdida, associação que, por sua vez, parece conduzir à percepção mais geral de que, na vida, tudo se acaba.

c) Em uma perspectiva comparativa, associam-se, para um terceiro conjunto de categorias, elementos do passado (amor, alegria, felicidade, sonhos) e do presente (sofrimento) dos compositores. A comparação está baseada no que era característico da mocidade e foi perdido. Exemplo:

MINHAS MADRUGADAS (Paulinho da Viola & Candeia, 1965).

Vou pelas minhas madrugada a cantar, esquecer o que passou. Trago a face marcada, cada ruga no meu rosto simboliza um desgosto. Quero encontrar em vão o que perdi, só resta saudade, não tenho paz, e a mocidade que não volta mais. Quantos lábios beijei, quantas mãos afaguei? Só restou saudade no meu coração. Hoje fitando o espelho, eu vi meus olhos vermelhos, compreendi que a vida que eu vivi foi ilusão.

d) O último agrupamento de categorias apresentado considera os amores do passado como aqueles que, como tudo na vida, se acabaram, estando, portanto, definitivamente perdidos.



Discussão

Decidimos apresentar a discussão dos resultados a partir da proposição de 04 tópicos: a) o sofrimento; b) o envelhecimento e a saudade da mocidade; c) os novos conteúdos recordados (uma outra mocidade entra em cena); d) elementos amorosos.

a) O sofrimento

Referências ao sofrimento estão presentes em 57,55% das letras analisadas (140 citações – 12,80 das citações) e constituem uma das classes resultantes da Análise Lexical (Classe 1- Chorar pela mocidade perdida, com 22% das u.c.e.). Também a Árvore Máxima formada com as categorias da AC mostra a força de articulação do tema no conjunto das letras analisadas. Nessa direção, a recordação da mocidade pode ser interpretada como produto do sofrimento dos compositores, como produtora desse mesmo sofrimento ou como ambos. No contraste subjetivo entre presente e passado (produtor e produto da saudade), ressalta-se no sofrimento do memorialista não a simples dimensão da perda, mas a sua percepção a partir do que ficou no lugar do que foi perdido. É assim que as marcas do envelhecimento e a solidão relembram ao compositor um passado mais feliz. Assim, o sentimento saudoso pode ser entendido não como uma fuga do presente e sim como a sua afirmação a partir do sofrimento no presente do memorialista. Se o que constitui esse presente é encarado como resultado de um processo natural (o que ajuda a explicar a manutenção da referência "Homem Natureza" ao longo do período analisado), convém supor que a categoria relacional a servir de referência mais significativa à "mocidade/juventude" é a "velhice".

b) O envelhecimento e a saudade da mocidade

Na direção do que afirmamos, seria interessante notar que, para a saudade da infância, não há uma categoria relacional específica (Nascimento & Menandro, 2005b). Pode-se ter saudade da infância na velhice, na idade madura ou na mocidade. Entretanto, para a saudade da mocidade a percepção do envelhecimento aparece como fundamental. Nessa relação o conteúdo recordado é definido pela ausência de um conjunto de elementos que compõem uma representação mais geral e compartilhada da mocidade como um tempo de amores, de amigos e de felicidade, e da velhice como queda, abandono e proximidade do fim da vida. Essa vinculação entre mocidade e velhice nas letras analisadas condiz com a perspectiva inter-geracional apresentada na introdução, pois reapresenta, de certa forma, como negociação de referências a essas duas fases da vida no discurso dos compositores, a avaliação da juventude a partir de outra categorial social, nesse caso a velhice.

c) Os novos conteúdos recordados (uma outra mocidade entra em cena)

Quanto aos conteúdos recordados pelos compositores, em uma análise mais geral do *corpus*, pode-se considerar que, até o período 1945-1954, o discurso representado nas letras analisadas é caracteristicamente sentimental (o sofrimento é o tema principal – quando não é o único). A partir de 1955-1964, há um aumento de elementos descritivos que vão se somar ao discurso sentimental, mas não substituí-lo. Parece surgir, nesse momento, a composição de um quadro que vai proporcionar "concretude" ao passado, identificando de maneira mais específica o que se perdeu ("atividades", "elementos naturais", "objetos recordados"). De 1965-1974 em diante temos um outro discurso sobre a mocidade com o surgimento de conteúdos nas letras (nomes de músicas e de grupos musicais, bailes urbanos e carnaval, fama, divertimento, tempo sem preocupação). O período compreendido entre 1975-2006 caracteriza-se pela consolidação do discurso sobre essa outra mocidade (juventude) e a manutenção de um discurso, digamos, mais tradicional sobre a mocidade.

Observe-se que nesse trabalho o que analisamos foi, a rigor, o discurso sobre o passado e não a memória em si. Essa diferenciação é fundamental, pois, nas letras que formam o *corpus*, estão em relevo, sobretudo, os conteúdos não geradores de conflito, ou seja, o discurso dos compositores tende insistentemente para aqueles elementos admitidos como socialmente mais aceitáveis. Por exemplo, citações de irresponsabilidade e de rebeldia associadas ao período da mocidade/juventude são escassas e as referências explícitas ao sexo só aparecem, no banco analisado, a partir de 1975-1984. Tal fato indica que, a partir desse momento, mais do que o reconhecimento das relações sexuais



como conteúdo recordado, tornou-se possível se falar sobre esses conteúdos. Por outro lado, também há uma diferença nas citações de costumes recordados. Esse surgimento, entretanto, parece referir-se à própria valorização desses elementos no período de juventude vivido pelos memorialistas. Ainda considerando a oscilação de conteúdos ao longo do período analisado, um outro termo parece ter tido seu significado modificado: até o período 1965-1974 as "ilusões" eram consideradas positivamente (ajudavam a compor uma atmosfera de sonhos e amor). A partir de 1975-1984, o seu desaparecimento talvez se deva a sua associação mais estreita a um sentido negativo de imaturidade (AC – Categoria "O que eu tinha no passado").

d) Elementos amorosos

Referências a elementos amorosos foram encontradas em 73,58% das letras analisadas, não havendo variações significativas ao longo do período 1927-2006. Essa constância explica a não formação de uma classe específica na Análise Lexical (os termos relativos aos elementos amorosos possuem co-ocorrência significativa com uma grande quantidade de outros termos). Nesse sentido, é possível se observar também que o próprio conteúdo amoroso é o mais forte articulador do discurso sobre a saudade da mocidade no *corpus*, como demonstra a Árvore Máxima. Tal constatação permite a caracterização do discurso saudoso da mocidade como eminentemente amoroso. Como vimos acima, esses elementos amorosos não contemplam, em geral, referências ao sexo. Assim, é possível afirmarmos que também nesse sentido as letras privilegiam o que pode ser mais aceitável para um grande número de ouvintes.

Considerações finais

De forma mais geral, os resultados obtidos apontam para um compartilhamento de conteúdos recordados veiculados nas letras analisadas. Tal compartilhamento pode ser identificado sob dois eixos: a) o primeiro deles seria o que poderíamos chamar de intrageracional (a especificidade de alguns elementos recordados vincula-se diretamente à época na qual foi vivida a mocidade/juventude dos compositores). Evidentemente, só há a possibilidade dessa diferenciação se considerarmos uma comparação entre gerações. Entretanto, queremos destacar o fato também evidente de que quanto maior é a especificidade dos elementos, mais explícitos são os termos para a comparação; b) o segundo eixo seria intergeracional ou, se a palavra for adequada, transgeracional. Referimo-nos aqui especificamente aos elementos que atravessam com considerável significância todo o período analisado (como é o caso do "sofrimento" e dos "elementos amorosos"). Esses elementos possivelmente constituam a base comum que possibilita a coexistência de mais de um discurso sobre a(s) mocidade(s) ou juventude(s) recordada(s). Nesse sentido, o discurso saudoso sobre esse(s) período(s) talvez sirva para colocar em evidência não aquilo que é cristalizado, pois a concepção de memória como socialmente construída pressupõe que ela não seja estática, mas os pontos mais estáveis dessa base comum.

Referências

- Abramo, H. W. (1997). Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista brasileira de educação*, 5/6, 25-36.
- Almeida, A. M. O., & Cunha, G. G. (2003). Representações sociais do desenvolvimento humano. *Psicologia: reflexão e crítica*, 16(1), 147-155.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família* (D. Flaksman, trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1973)
- Augras, M. (1998). *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro: FGV.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, trads.). Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1977)



- Bauer, M. W. (2002). Análise de conteúdo clássica: Uma revisão. Em M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático* (P. A. Guareschi, trad., pp. 189-217). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1977)
- Bourdieu, P. (1983). *Questões de sociologia* (J. Vaitsman, trad.). Rio de Janeiro: Marco Zero. (Original publicado em 1980)
- Caldas, W. (1995). *Luz neon: canção e cultura na cidade*. São Paulo: Studio Nobel, SESC.
- DaMatta, R. (1993). *Conta de mentiroso: Sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Domingues, J. M. (2004). *Ensaio de sociologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: UFMG.
- Fentress, J. & Wickham, C. (1992). *Memória social: novas perspectivas sobre o passado* (T. Costa, trad.). Lisboa: Editorial Teorema.
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva* (L. L. Schaffter, trad.). São Paulo: Vértice. (Original publicado em 1950)
- Jaide, W. (1968). As ambigüidades do conceito de "geração" (B. Schuman, trad.). Em S. Britto (Org.), *Sociologia da juventude* (pp. 15-27, Vol. 2). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1963)
- Jedlowski, P. (2001). Memory and sociology: themes and issues. *Time & Society*, 10(1), 29-44.
- Kalampalikis, N. (2003). L'apport de la méthode Alceste dans l'analyse des représentations sociales. Em J. C. Abric (Org.), *Méthodes d'étude des représentations sociales* (pp. 147-163). Paris: Érès.
- Levi, G. & Schmitt, J. C. (1996). (Org.). *História dos jovens: da Antiguidade à Era Moderna* (C. Marcondes, N. Moulin & P. Neves, trads., Vol. 1). São Paulo: Companhia das Letras.
- Lourenço, E. (1999). *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lowenthal, D. (1998). *El pasado es un país extraño* (P.P. Monroy, trad.). Madrid: Akal.
- Mannheim, K. (1968). O problema da juventude na sociedade moderna (O. A. Velho, Trad.). Em S. Britto (Org.), *Sociologia da juventude* (vol. 1, pp. 69-94). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1943)
- Mannheim, K. (1982). O problema sociológico das gerações. Em M. M. Foracchi (Org.), *Karl Mannheim: sociologia* (E. Willems, S. Uliana & C. Marcondes, trads., pp. 67-95). São Paulo: Ática. (Original publicado em 1952)
- Matos, C. (1982). *Acertei no milhar: samba e malandragem no tempo de Getúlio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Matos, M. I. P. (2000). *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.



- Menandro, P. R. M.; Pereira, J.; Amim, I. D. & Santos, S. M. (2003). Aspectos do relacionamento amoroso presentes em letras de músicas dirigidas à camada popular urbana. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 54(1), 03-19.
- Moraes, J. G. V. (2000). História e música: canção popular e conhecimento histórico. *Revista brasileira de história*, 20(39), 203-221.
- Napolitano, M. (2002). *História & música: história cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Nascimento, A. R. A. & Menandro, P. R. M. (2005a). Memória social e saudade: Especificidades e possibilidades de articulação na análise psicossocial de recordações. *Memorandum*, 8, 5-19. Retirado em 06/12 /2006, de World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/nascimenan01.htm>
- Nascimento, A. R. A. & Menandro, P. R. M. (2005b). Reações de menino: a memória saudosa da infância na música popular brasileira. *Memorandum*, 9, 09-27. Retirado em 06/12/2006, de World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a09/nascimenan02.pdf>
- Oliven, R. (1987). A mulher faz e desfaz o homem. *Ciência Hoje*, 7(37), 54-62.
- Pais, J. M. (1990). A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise social*, 25(105-106), 139-165.
- Pederiva, A. B. A. (2000). *Jovem Guarda: cronistas sentimentais da juventude*. São Paulo: Nacional.
- Pedro, A. (1980). *Samba da legitimidade*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Mestrado em História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Peralva, A. (1997). O jovem como modelo cultural. *Revista brasileira de educação*, 5/6, 15-24.
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, 2(3), 3-15.
- Pollak, M. (1992). Memória e identidade Social. *Estudos históricos*, 5(10), 200-212.
- Reinert, M. (1998). *Alceste: Version 4.0 – Windows*. Toulouse: Société IMAGE. Manual.
- Reinert, M. (2001). Alceste, une méthode statistique et sémiotique d'analyse de discours: Application aux «Rêveries du promeneur solitaire». *La revue française de psychiatrie et de psychologie médicale*, 5(49), 32-36.
- Rimé, B. & Christophe, V. (1998). Cómo los episodios emocionales individuales alimentan la memoria colectiva. Em D. Páez; J. F. Valencia; J. W. Pennebaker; B. Rimé & D. Jodelet (Eds.), *Memorias colectivas de procesos culturales y políticos* (pp. 151-170). Bilbao: Servicio Editorial.
- Rosa, A. S. (2005). O impacto das imagens e do compartilhamento social das emoções na construção da memória social: uma chocante memória *flash* de massa do 11 de setembro até a guerra do Iraque. Em C. P. Sá (Org.), *Memória, imaginário e representações sociais* (pp. 121-164). Rio de Janeiro: Museu da República.



Sá, C. P. (2005). As memórias da memória social. Em C. P. Sá (Org.), *Memória, imaginário e representações sociais* (pp. 63-86). Rio de Janeiro: Museu da República.

Sanchis, E. (1997). *Da escola ao desemprego* (M. A. Vieira & M. Corbuci, trads.). Rio de Janeiro: Agir.

Vala, J. (2003). A análise de conteúdo. Em A. S. Silva & J. M. Pinto (Orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento.

Canções citadas

Ari Kerner Veiga de Castro. (1930). *Canção da primavera* [Celeste Leal Borges]. Odeon 10642b [meio de gravação: disco 78rpm]. São Paulo: Odeon.

Martins, H. & Pinto, M. (1948). *Cabelos brancos* [4 ases e 1 Coringa] (Cantores do Rádio, vol. 1; Série Bis) [meio de gravação: CD]. Rio de Janeiro: EMI/Copacabana. (Compilação de 2000).

Paulinho da Viola e Candeia. (1965). *Minhas madrugadas* [Paulinho da Viola e Elton Medeiros]. Samba na madrugada [meio de gravação: CD]. Rio de Janeiro: Som Livre. (Reedição em 2002 do original de 1968)

Rossi, R. (1982). *A raposa e as uvas* (Reginaldo Rossi, vol. 3; Série 20 Super Sucessos) [meio de gravação: CD]. Recife: Polydisc. (1997).

Sá, Zé Rodrix e Guarabira. (1973). *Blue Riviera*. Terra [meio de gravação: LP]. São Paulo: Odeon.

Notas

(1) Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

(2) A partir da década de 20, a produção fonográfica, principalmente a popular, cantada em português, vai progressivamente se avolumando. 1927 é o ano de gravação da primeira canção cuja qualidade de áudio permitiu a transcrição confiável da letra.

(3) O software ALCESTE identifica co-ocorrências de palavras em segmentos de textos, indicando, através da composição de classes de palavras fortemente associadas em um determinado discurso, elementos da organização geral (estruturação e significados) do tema alvo desse mesmo discurso (Kalampalikis, 2003; Reinert, 1998, 2001).

(4) Procedimentos da Análise de Conteúdo: a) Leitura flutuante do corpus; b) Codificação; c) Pré-categorização; c) Categorização; d) Formação dos quadros de categorias e sub-categorias; e) Árvore Máxima da co-ocorrência de categorias nas letras analisadas (Bardin, 1977/1979; Bauer, 1977/2002; Vala, 2003). Unidade de registro utilizada: Frase.

(5) O Q^2 indica a força de ligação das formas reduzidas às classes.

(6) Foram utilizados, para a construção da Árvore Máxima, os softwares EVOC, SIMI e AVRIL.

Notas sobre os autores

Adriano Roberto Afonso do Nascimento é Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo e docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Av. Antônio Carlos, 6.627, Campus



Nascimento, A. R. A; Rosa, A. C & Barra, M. L. P. (2010). Primaveras e jovens tardes: a memória saudosa da mocidade/juventude na música popular brasileira. *Memorandum*, 18, 143-160. Recuperado em _____ de _____, _____, de seer.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/9847

Pampulha, Belo Horizonte-MG, Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: nascimento@fafich.ufmg.br

Aline Cristina Rosa é graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Av. Antônio Carlos, 6.627, Campus Pampulha, Belo Horizonte-MG, Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: alinrosa@gmail.com

Mariana Lacerda Pio Barra é graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Av. Antônio Carlos, 6.627, Campus Pampulha, Belo Horizonte-MG, Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: mariana.barra@gmail.com

Data de recebimento: 16/12/2009
Data de aceite: 30/02/2010